

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Augusto de Souza

**A Igreja e os Judeus:
Como salvar do nazismo na Itália e no Brasil?**

Monografia apresentada à Graduação em História da PUC-Rio como
requisito parcial para obtenção do título de bacharel em História

Orientador: Prof. Maurício Parada

RIO DE JANEIRO

Julho de 2019

Agradecimentos:

À minha família que sempre esteve comigo em todos os momentos, me apoiando e ajudando sempre que precisei, agradeço também a minha namorada que foi minha fiel companheira nos momentos mais complicados da vida acadêmica.

Ao Prof. Maurício Parada que sempre foi prestativo na comunicação e realização desse conteúdo, além de suas aulas sobre História Contemporânea que sempre foi estimulante e enriquecedor.

Agradeço ao Padre Sérgio Ricardo e demais religiosos da Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro que contribuíram com sua sabedoria religiosa perante a assuntos desse trabalho.

Aos amigos que fiz na graduação entre os quais ganham destaque a Lúcia de Fátima e Everardo Hilário. Além dos demais amigos que me apoiaram desde o início da universidade, esses da paróquia de São Bartolomeu e da comunidade da Tijuquinha.

Resumo:

O presente trabalho pretende analisar proclamação do novo Papa Eugenio Pacelli, o Pio XII. E entender como no contexto do nazismo, a Igreja Católica tentou e conseguiu ajudar a população judaica das atrocidades da Shoah, seja os resguardando na Itália, através de uma rede clandestina de conventos e mosteiros ou conseguindo documentos para que fugissem para os países da América, como o Brasil. Assim iremos analisar também a diplomacia entre a Santa Sé e o Governo brasileiro nesse período da Segunda Guerra para vinda de judeus refugiados ao Brasil.

Palavras-chave: Pio XII, judeus, Vale Freitas, nazismo, Alemanha.

Abstratc:

The present work intends to analyze the proclamation of the new Pope Eugenio Pacelli, Pius XII. And understand how in the context of Nazism, the Catholic Church tried and managed to help the Jewish population of the Shoah atrocities, be the safeguarding in Italy, thorough a clandestine network of convents and monasteries or obtaining documents to flee to the countries of America like Brazil. So we will also analyse the diplomacy between the Holly See and the Brazilian Government in this period of the Second War for the coming of Jews refugees to Brazil.

Keywords: Pius XII, Jewish, Vale Freitas, Nazism, Germany

Sumário

1. Introdução	6
2. Eugênio Pacelli, o homem da Igreja	11
2.1 A Nunciatura na Alemanha	11
2.2 O fiel escudeiro de Pio XI	11
3. Pio XII, sua rede secreta para salvar judeus	16
3.1 O novo Papa e a guerra na Itália.	16
3.3 Como salvar os judeus?	24
4. O antissemitismo no Brasil	31
4.1. O preconceito antijudaico	31
4.2. Vistos para judeus entrarem no Brasil	33
4.3 Boicote ao projeto	37
5. Os testemunhos valiosos	41
6. Conclusão	44
7. Referências Bibliograficas	46

1. Introdução

Em meados da década de 1930 a Europa vivia a sobra de uma iminente guerra gerada pela fusão de partidos totalitários de forte teor nacionalista/fascista que ganharam força no continente, destacando a Alemanha de Adolf Hitler, Itália de Benito Mussolini, Espanha de Francisco Franco e Portugal de Antônio Salazar, devido a destruição e à crise econômica que a Grande Guerra e a crise de 1929 (a grande depressão) havia causado com enormes consequências no continente europeu; o historiador romeno/americano John Lukacs cita que esse período entre o final da Primeira Guerra e o fim da Segunda, o nacionalismo é o principal acontecimento mundial do século XX:

“A força mais importante do século XX foi o nacionalismo. (...) De cerca de 1920 a 1945, o quarto do século que corresponde ao espectro da carreira política de Hitler (...), a história do mundo (...) foi assinalada por uma força triangular. Havia o comunismo, então encarnado pela União Soviética; havia a democracia – parlamentar e, de modo geral, a democracia liberal –, encarnada e representada pelas nações do Ocidente e da Europa setentrional; e havia uma nova força histórica, inadequadamente chamada de ‘fascismo’, cuja a primeira incidência nacional foi a ditadura de Mussolini, na Itália, mas cujo poder de atração se mostrou depois eclipsado pelo Terceiro Reich de Hitler na Alemanha, um Estado nacional-socialista que permaneceu sua principal encarnação até a derrota da Alemanha em 1945”.¹

Segundo o autor Michael Mann uma das definições de fascismo clássico é o *nacionalismo de limpeza*: na qual ideologicamente, os fascistas pretendiam alcançar uma nação “orgânica” ou “integral”, em que viam a diversidade como uma ameaça à unidade, assim todos esses inimigos políticos socialistas e comunistas deveriam ser eliminados pelo bem e pureza da “nação” e em alguns casos como o alemão o fascismo/nazismo teve toques de racismo, limpando etnicamente os indesejáveis (judeus).

O Partido Nacional-Socialista na qual o grande líder é Adolf Hitler foi fundado em 1920 por Anton Drexler e no decorrer dos anos o partido foi ganhando notoriedade nas eleições, principalmente conquistando o apoio de

¹ LUCACKS, John. *O Duelo: Churchill x Hitler: 80 dias cruciais para a Segunda Guerra Mundial*. Tradução Claudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002. p.17-18.

jovens estudantis alemães e nas eleições Parlamentares de 1932 o Partido Nacional-Socialista conquistam o maior número de vagas no parlamento, assim chegam ao poder em 1933, e aos poucos o regime nazista a demonstrar sua segregação com os judeus, ciganos, deficientes físicos e mentais em prol da superioridade da raça ariana em contraposição aos demais, assim inicia com as leis raciais colocando-os em trabalhos inferiores e posteriormente a perseguição e a eliminação desses segregados, na qual já estava iminente com a criação de diversos campos de concentração dando início ao Holocausto e com a guerra em vigor a tida “Solução Final” contra os judeus. A Alemanha ainda buscava estender seu território, anexando a Áustria e algumas partes da Tchecoslováquia (1938) e invadindo a Polônia (1939), na qual por ‘direito’ era território do Reich.

Em horror a esses eventos o Papa Pio XII, que assumira o cargo de pontífice poucos meses antes da eclosão da guerra, logo buscou soluções rápidas para salvar tanto católicos, já que a maioria da população polonesa era católica e também judeus, pois segundo o pensamento cristão todos são filhos de Deus e irmãos e logo nenhuma atrocidade era benéfica e de bom grado para qualquer que fosse a religiosidade, para tal distribuiu documentos católicos com ajuda de padres para a fuga de perseguidos. Gordon Thomas afirma que:

“Em agosto, o papa pediu aos núncios na Alemanha e na Polônia que o mantivessem informado sobre o número de judeus que haviam recebido ajuda para imigrar. Com documentos que os identificavam como católicos. (...) Mais uma vez, o papa ordenou que os bispos locais usassem fundos da Igreja para apoiar imigrantes”²

Dessa forma um grande número de judeus conseguiram fugir da opressão do nazismo com a ajuda de uma rede clandestina de religiosos comandos pelo Papa Pio XII e vieram para outros países da Europa, os que estavam neutros na guerra e principalmente para a Itália, já que pelo Tratado de Latrão (1929) toda propriedade da Igreja prédios, templos e conventos não estavam sobre a responsabilidade do governo italiano e sim do Vaticano, então não poderiam ser invadidos; outros foram para a América, assim alguns chegaram em território brasileiro. O trabalho visa confirmar como o Sumo Pontífice da Igreja Católica

² GORDON, Thomas. *Os Judeus do Papa: o plano secreto do Vaticano para salvar os judeus das mãos dos nazistas*. São Paulo: Geração Editorial, 2013. p.77-78.

agiu durante a Segunda Guerra Mundial, para a comunidade internacional de forma omissa sem se posicionar oficialmente contra o regime nazista trazendo indignação de grande parcela da população que acabou o acusando de antissemita e aliado de Hitler. Porém nas entrelinhas de forma secreta o líder da Igreja agiu de modo silencioso auxiliados por religiosos (bispos, padres, freiras) e leigos que também iam contra os ideais do nazismo, de modo que diversos judeus que eram perseguidos ou viviam em regiões de risco recebessem documentos falsos como se fossem católicos para poderem sobreviver ou fugir para locais seguros, alguns eram mantidos clandestinamente em instituições e prédios católicos que não poderiam ser invadidos já que o Vaticano tinha determinado neutralidade perante os confrontos da Segunda Guerra Mundial e outros com a ajuda de diversos países fugiram com a ajuda da Igreja para a América.

Segundo o Sumo Pontífice Pio XII nenhuma religião é superior a outra e que apesar das diferenças todos podem viver em comunhão, já que nenhum ser humano é melhor que o outro seja por crença, raça ou religião; como descrito no livro de Thomas Gordon mesmo os judeus que foram morar no Vaticano ou em instituições religiosas, esses tinham um local separado e próprio para seus rito e celebrações religiosas mesmo estando no edifício católico, essa derivação é inútil já que todos seguem o mesmo Deus, e no final valeria a pena seus atos benéficos para a vida dos irmãos; conseqüentemente não precisaria se converter para o catolicismo para que esses judeus continuassem recebendo o auxílio da Igreja. A relatos de judeus que continuaram seguindo sua religião mãe, o judaísmo e sendo extremamente agradecido publicamente pelas ajudas que a igreja fez durante o horror desse período; e também a judeus que se converteram ao catolicismo, como Israel Zolli que no período da guerra era o Rabino chefe de Roma e pós a Segunda Guerra se converte ao catolicismo e ao ser batizado adota o sobrenome Pacelli, em homenagem e agradecimento a Eugênio Pacelli, o papa Pio XII. E o autor Andrea Raccardi observa, como a Igreja foi importante nesse processo da Segunda Guerra para salvar milhares de judeus:

“Nos anos duros da ocupação em todos os países do Velho Continente, os conventos, os seminários e os locais de culto tornaram-se o refúgio de mais seguro de milhares e milhares de judeus, de resistentes, de leigos e de marxistas sem distinção de nacionalidade, de ideologias, de religião ou de raça ... Não se

pode ignorar que a Igreja viveu a tragédia da guerra sobretudo da parte das vítimas inocentes.”³

Para analisar a personalidade de Eugênio Pacelli, começaremos quando na década de 1920 o jovem trabalhou no nuncio apostólico em Munique e em Berlim a mando da Igreja Católica no momento em que o Nacional-Socialismo ganhava destaque na Alemanha e as ações de repúdio de Eugenio Pacelli já entrava em vigor, iremos também nos deter em duas Concordatas que Pacelli ajudou a assinar com a Itália de Mussolini e a Alemanha de Hitler, que seria forma da igreja continuar levando sua missão a esses países mesmo com o aumento do totalitarismo nesses territórios.

Em contra partida iremos analisar o insucesso dos vistos que judeus-alemães iriam adquirir para fugir para o Brasil do terror do holocausto, devido ao movimento nacionalista de Getúlio Vargas, e como seus embaixadores na Europa dificultaram esse processo de vistos, devido a proximidade que eles tinham com o governo da Alemanha, Áustria e Romênia, na qual o ódio aos judeus estava reinante nessas regiões.

A Segunda Guerra Mundial imergia o continente europeu as forças italianas e alemãs mostravam força conquistando territórios, assim era cada vez mais urgente salvar os judeus; e a Igreja não poderia divulgar seu processo contra Hitler, pois qualquer forma explícita de denuncia poderia ser tido como afrontamento e suas instituições poderiam ser invadidas, mas vale destacar que mesmo assim religiosos holandeses e poloneses sofreram nos campos de concentração, algo que poderia ser bem maior com católicos e não só com judeus, caso a igreja se manifestasse veementemente.

O trabalho foi dividido em quatro partes para discorrer sobre o assunto. O primeiro capítulo falaremos da vida de Eugênio Pacelli, na Alemanha e sua oposição desde o início ao nacional-socialismo, e sua volta a Roma. No segundo capítulo iremos discorrer sobre o olhar da Igreja perante a guerra e sua forma de salvar judeus resguardando-os em edificações comandadas pela Igreja, como igrejas, conventos e seminários. Já no terceiro capítulo como o governo brasileiro aceita o processo de vistos e vindas de judeus para o Brasil e acaba ao máximo

³ TORNIELLI, Andrea. *Pio XII: O Papa dos Judeus*. São Paulo: Editora Civilização, 2002. p.251.

dificultando tal processo por conta de sua ideologia. No último capítulo falaremos sobre três pessoas que viveram esse terror de formas distintas: Israel Zolli, Pietro Pappagallo e Otto Maria Carpeaux.

2. Eugênio Pacelli, o homem da Igreja

2.1 A Nunciatura na Alemanha

Eugênio Pacelli, futuro Papa Pio XII torna-se arcebispo titular de Sardi em 13 de maio de 1917, em uma cerimônia celebrada na Capela Sistina pelo Papa Bento XV. Pacelli é logo transferido à Nunciatura da Baviera em Munique onde permaneceu por oito anos e depois em 1925 irá para Berlim onde ficará por mais quatro anos, núncio apostólico é quando torna representante diplomático da Santa Sé na região escolhida, nesses dois locais ajudaram na de formação Eugênio fazendo amizades com alemães e formou simpatia e solidariedade ao povo alemão.

Pacelli habitava em Munique quando a onda da revolução socialista (outra ideologia veemente combatida por Eugênio) quando Rosa Luxemburgo (1919), tenta formar um estado soviético na Baviera, e além de ir contra a sociedade de classe média e burguesas, esses revolucionário também violam as embaixadas e o clero também é perseguido inclusive a nunciatura apostólica que sofre duas invasões armadas, em uma delas Pacelli ficou na mira de um revolver de jovens revolucionários, pois esse grupo armado com fuzis e revólveres requisitaram a limusine do núncio apostólico, porém Pacelli *“denunciando-a como uma flagrante violação da lei internacional, e tentou lhes mostrar o certificado de proteção extraterritorial da nunciatura.”*⁴

2.2 O fiel escudeiro de Pio XI

Após oito anos na Alemanha, Eugênio Pacelli é convocado a voltar para Roma e é escolhido como Secretário de Estado do Vaticano tornando-se o homem mais importante da Igreja em nível hierárquico abaixo somente do Papa Pio XI, trazendo consigo a alemã Irmã Pascalina que era sua governanta na Alemanha e vinha desempenhar a mesma função na Itália.

⁴ KERTZER, David I. *O Papa e Mussolini: A conexão secreta entre Pio XI e a Ascensão do Fascismo na Europa*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017. p.172.

Em 1929, Pacelli ajudou a formular o Tratado que foi assinado na Basílica de São João de Latrão entre a Igreja e o Estado Italiano de Mussolini, na qual todas as propriedades da igreja estavam protegidas e isentas das leis raciais. Os últimos detalhes do Tratado de Latrão foram acertados entre o Cardeal Pacelli e Mussolini em 9 de fevereiro, destacando-os:

“O catolicismo era ‘a única religião do Estado’. Os acordos se dividiram em três partes. A primeira, o tratado propriamente dito, estabelecia a Cidade do Vaticano como território soberano, sob o governo papal, onde o governo italiano não tinha o direito de intervir (...) a Santa Sé teria direitos especiais sobre as basílicas de Roma e sobre o palácio de verão do papa em Castel Gandolfo”⁵

Para compreender a ação de Pacelli na segunda Guerra Mundial é preciso entender algumas ações de seu antecessor Pio XI que também de forma branda nas palavras tentava frear o avanço do nacional-socialismo, como na mensagem natalícia de 1930, na qual o Papa “*voltou a condenar o racismo e o nacionalismo egoísta e endurecido (...) se no cristianismo existe um mistério de sangue, não é de uma raça oposta às outras raças, mas o da unidade de todos os homens*”⁶. Pio XI durante o seu pontificado também escreveu encíclicas da qual condenava os males que havia no mundo atual, contra o perigo do totalitarismo italiano *Non abbiamo bisogno* (Não temos necessidade - 1931), contra o nazismo *Mit brennender sorge* (Com Ardente Preocupação - 1937), na qual discutiremos posteriormente e por último a condenação ao comunismo interligado com o seu ateísmo *Divini Redemptoris* (Divino Redentor - 1937).

Adolf Hitler assume o poder em março de 1933, após o incêndio do *Reichstag*, sede do Parlamento alemão que ocorrera no final de fevereiro, na qual foi acusado um comunista holandês Marinus van der Lubbe e como consequência Hitler pediu os poderes especiais que estavam previstos pela Constituição da República de Weimar e Hitler garantia também as igrejas de Roma e protestante como pilares da vida alemã e que não sofreriam perseguições, que apesar das promessas não havia conseguido, já que ocorriam ataques isolados. Assim para conquistar o prestígio internacional Hitler oferece ao Vaticano a Concordata. Em

⁵ KERTZER, David I. *O Papa e Mussolini: A conexão secreta entre Pio XI e a Ascensão do Fascismo na Europa*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017. p.132.

⁶ TORNIELLI, Andrea. *Pio XII: O Papa dos Judeus*. São Paulo: Editora Civilização, 2002. p.77.

20 de julho de 1933, Pacelli homem de confiança de Pio XI junto com Franz von Papen representante do Terceiro Reich no Vaticano assinaram a *Reichskonkordat*, a Concordata entre a Santa Sé e a Alemanha, para que a Igreja continuasse exercendo sua missão com um tratado de não agressão. O texto do acordo entre destacavam: a garantia da liberdade do catolicismo, proteção de Estado aos sacerdotes, sobre a Concordata posteriormente Eugênio Pacelli falou em 1945:

“É necessário reconhecer que a Concordata trouxe algumas vantagens ou, pelo menos, impediu males maiores.

De fato, apesar de todas as violações de que, bem cedo, se torna objeto, dava aos católicos uma base jurídica de defesa, um campo onde se podiam entrincheirar para continuar a enfrentar, enquanto lhe fosse possível, o fluxo sempre crescente da perseguição religiosa.”⁷

O ano de 1935 foi complicado para todos os não-arianos que viviam na Alemanha, pois com a publicação das leis raciais de Nuremberg em 15 de setembro de 1935, para a proteção do sangue e da honra germânica, contra, cerca de duzentas mil pessoas de origem judaica independentemente da religião (seguindo o judaísmo ou outra religião) estariam sobre o olhar racista do nazismo do *Führer*, “*estavam incluídos descendentes de casamentos mistos (judeus e arianos), e cristãos de origem judaica. A cidadania alemã tornou-se privilégio aos que pertenciam à raça ariana*”⁸. Esses homens agora estavam marginalizados perante a sociedade alemã, e o status civil e social era repentinamente modificado. Os arianos eram superiores aos demais povos, “*só o ariano deveria ser visto como representante da primeira classe (...) raça que foi e é expoente do desenvolvimento cultural da Humanidade.*”⁹

Mesmo após alguns anos a Concordata continuavam a ser violadas pelos nazistas, dessa forma Pacelli convoca uma delegação para ir ao Vaticano composta pelos cardeais Bertram de Breslau, Faulhaber de Munique e Schulte de Colônia; e os bispos von Galen de Münster e von Preysing de Berlim para discutirem com o Papa e Pacelli as dificuldades que a Igreja vivia na Alemanha.

⁷ TORNIELLI, Andrea. *Pio XII: O Papa dos Judeus*. São Paulo: Editora Civilização, 2002. p.75.

⁸ MILGRAM, Avraham. *Os judeus do Vaticano: A tentativa de salvação de 959 judeus, da Alemanha ao Brasil através do Vaticano entre 1939-1942*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1994. p. 83.

⁹ BLESSMANN, Joaquim. *O Holocausto, Pio XII e os Aliados*. Porto Alegre: Editora Edipucrs, 2003. p.112.

Assim em 1937 é elaborada a encíclica *Mit brennender Sorg*, que ficou conhecida no Brasil como “*Com Ardente Preocupação*”, assinada por Pio XI, mas com participação decisiva de Eugênio Pacelli e dos cardeais alemães em destaque Faulhaber; assim essa encíclica foi um marco na história da Igreja, pois é a primeira escrita originalmente em língua alemã e no Domingo de Ramos de 1937 ela era lida integralmente em todas as igrejas da Alemanha. A Encíclica foi a primeira forma que a Igreja encontrou de condenar de forma veemente a ideologia nacional-socialista alemã, a idolatria do Estado, “*todos são obrigados a reconhecer, não sem surpresa e repulsa, que a outra parte contratante emasculou os termos do tratado, distorceu o seu sentido e acabou considerando política normal a sua violação mais ou menos oficial*”¹⁰

“Só espíritos superficiais podem cair no erro de falar de um Deus nacional, de uma religião nacional, e empreender a louca tentativa de encerrar Deus, criador do mundo, nos limites de um só povo e nas estreitezas étnica de uma única raça”¹¹

Um ano depois ocorre o *Kristallnacht* ou *Noite dos Cristais*, em 9 de novembro de 1938, iniciando a perseguição aos judeus. Isso aconteceu em represália à morte de Ernest von Rath, embaixador alemão em Paris que foi assassinado pelo judeu Hirsch Grynszpan, logo Hitler excita a população alemã em um discurso antissemita para que os judeus pagassem coletivamente pelo crime cometido contra o membro de seu governo, nessa perseguição cerca 191 sinagogas foram incendiadas e 76 demolidas, lojas também foram incendiadas ou danificadas, centena de judeus foram mortos, tiveram suas casas destruídas e milhares levados para os campos de concentração; ainda devido a esses acontecimentos “*as atitudes anti-semitas alcançaram um fanatismo até então nunca visto. Nesse período foi implementada a ‘arianização’ (nacionalização das propriedades, negócios e indústrias de judeus)*”¹². Assim o núncio apostólico de Berlim, Cesare Orsenigo comunica a Santa Sé sobre o ocorrido na Alemanha, destacando que o massacre ocorrera logo após a notícia da morte do diplomata em

¹⁰ KERTZER, David I. *O Papa e Mussolini: A conexão secreta entre Pio XI e a Ascensão do Fascismo na Europa*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017. p.272.

¹¹ PIO XI, Papa. *Carta Encíclica “Mit Brennender Sorge”*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1937. p.3.

¹² MILGRAM, Avraham. *Os judeus do Vaticano: A tentativa de salvação de 959 judeus, da Alemanha ao Brasil através do Vaticano entre 1939-1942*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1994. p. 84.

Paris por um judeu, na qual a sede de vingança popular seguia o mesmo modelo por todos os lados incendiando sinagogas e saqueando as lojas, cada vez os judeus estavam isolados nesse território ficando proibidos de qualquer tipo de comércio, frequentar as escolas comuns e entradas em lugares públicos. Nesse clima de instabilidade para com os judeus, Pacelli inicia a sua primeira prática na salvação de judeus, na qual pediu a ajuda dos arcebispos de todo o mundo para solicitar vistos a judeus convertidos ao catolicismo como era aceito pela concordata, mas a intenção era conseguir para judeus que professassem ainda a fé judaica.

3. Pio XII, sua rede secreta para salvar judeus

3.1 O novo Papa e a guerra na Itália.

No leito de morte o papa pedia que Pacelli continuasse a ser um defensor do povo judeu. Após a morte de Pio XI no dia 10 de fevereiro de 1939, era necessário eleger o novo sucessor do trono de São Pedro através do conclave que iniciara em 1 de março, mediante a votação com a presença de 63 cardeais, após a terceira votação ainda no segundo dia de clausura do conclave, Eugênio Pacelli atingia a maioria exigida de quarenta e nove votos e tornava-se o novo Sumo Pontífice, Papa Pio XII era a votação mais rápida da história em três séculos, “*seu perfil diplomata, além de sua relevante participação no pontificado de Pio XI, certamente terão influenciado os votos que o elegeram (...) ‘o homem certo na hora certa’ para liderar a Igreja Católica naqueles momentos de crise da humanidade*”¹³

Meses após a eleição de Pio XII a guerra estoura. Ela foi disputada entre dois blocos hegemônicos, *Eixo*: Alemanha, Itália e Japão, se uniriam a eles posteriormente Bulgária, Hungria e Romênia; medindo forças com os *Aliados*: Inglaterra, França e Polônia que receberam a ajuda dos Estados Unidos, Rússia e China. A Igreja preferiu ficar em posição de neutralidade e não atacar nenhum dos lados, mas em diversas homilias, encíclicas, conferências e radio mensagens, dava seu posicionamento a favor dos Aliados, mas não de forma tão veemente; a Igreja tinha uma posição relativamente estranha nessa neutralidade, pois a Cidade do Vaticano tinha uma área aproximada de 0,5km² e era colado à Cidade de Roma, sem forças militares para aderir ou sufocar um confronto, segundo Luiz Tarcísio Souza além da neutralidade, Pio XII optou pela imparcialidade, pois segundo o próprio “*não significava virar as costas aos dramas da guerra, mas dispensar um tratamento equânime e justo para os dois lados envolvidos no conflito*”¹⁴

¹³ SOUZA, Luís Tarcísio. *Um estudo sobre as principais acusações e defesas sobre antisemitismo e omissão de Pio XII nos episódios da Shoah*. 2013. 187 f. Dissertação (Mestrado em Teologia Sistemática), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009. p.28.

¹⁴ SOUZA, Luís Tarcísio. *Um estudo sobre as principais acusações e defesas sobre antisemitismo e omissão de Pio XII nos episódios da Shoah*. 2013. 187 f. Dissertação (Mestrado em Teologia Sistemática), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009. p.24.

Pela tradição da Igreja, a primeira encíclica do novo papa sempre estabelece suas maiores preocupações no início do pontificado e isso que Pio XII fez com o *Summi Pontificatus*, em 20 de outubro de 1939 que levava em conta o que estava acontecendo com judeus na Polônia e atacada o governo de Hitler:

“A concepção que atribui ao Estado uma autoridade ilimitada, veneráveis irmãos, não é somente um erro pernicioso à vida interna das nações, à sua prosperidade e ao maior incremento do seu bem-estar, mas prejudica também as relações entre os povos, rompendo a unidade da sociedade supranacional, tirando a base e o valor ao direito das gentes, abrindo caminho à violação dos direitos alheios e tornando difícil o acordo para a convivência pacífica.”¹⁵

Desde 1º de setembro a Alemanha nazista já havia invadido o território polonês, através da *Blitzkrieg*, a Guerra Relâmpago, na qual a consumação foi tida em apenas um mês. A Santa Sé evitou novamente de condenar a invasão. A Igreja procurava evitar que a Itália entrasse também na guerra, mas quando isso aconteceu em 1940, Pio disponibilizou os embaixadores em Roma, que se deslocassem e fossem morar na Cidade do Vaticano já que por sua neutralidade não poderia ser invadida, entre eles foram os diplomatas do Reino Unido, França, Bélgica e Holanda com seus familiares.

Na própria Alemanha alguns clérigos também foram exilados e mandados para o campo de concentração de Dachau, por causa de diversos pretextos como, “*incitação do povo, espionagem, ajuda a prisioneiros e a judeus, suspeita de traição, comportamento inamistosos para com a Alemanha, insultos ao Führer ou ao Nacional-Socialismo, violação de lei e regulamentos, imoralidades, etc*”¹⁶. Para confirmar a tese de Pio sobre a necessidade de seu silêncio o bispo Jean Bernard, de Luxemburgo, que esteve preso no campo de concentração em Dachau, declarou que cada protesto da Igreja o tratamento contra os prisioneiros piorava imediatamente, segundo o bispo:

“Os padres detidos tremiam cada vez que chegava até nós notícia de algum protesto de autoridades religiosas, mas principalmente do Vaticano. Todos nós tínhamos a impressão que nossos guardas faziam-nos expiar severamente pela fúria

¹⁵ PIO XII, Papa. *Carta Encíclica “Summi Pontificatus”*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1939. p.15.

¹⁶ BLESSMANN, Joaquim. *O Holocausto, Pio XII e os Aliados*. Porto Alegre: Editora Edipucrs, 2003. p.30.

que estes protestos despertavam (...) A maneira com que erámos tratados tornava-se mais brutal; os pastores protestantes prisioneiros costumavam desabafar sua indignação nos padres católicos: ‘De novo seu grande ingênuo Papa e aqueles simplórios, seus bispos, não calam a boca (...) Eles se fazem de heróis e nós pagamos a conta.’¹⁷

Porém nos Países Baixos essa situação foi bem mais complicada, O Exército do Reich invadiu a Holanda de 1940 e implantou as leis raciais, as mesmas que havia colocando em prática na Alemanha com as leis de Nuremberg de 1935; e em 1942 começa as deportações em massa dos holandeses; os bispos dos Países-Baixos junto com as outras igrejas holandesas, preparam uma carta condenando a solução final contra os judeus que é lida em toda Holanda e Bélgica no domingo 26 de julho:

“Vivemos numa época de grande miséria, tanto no campo espiritual como material – escrevem os bispos –, mas dois fatos muito dolorosos atraem sobretudo a nossa atenção: o triste destino dos judeus e a sorte daqueles que foram obrigados a trabalhos forçados no estrangeiro. (...) Que Ele queira dar sua força ao povo de Israel, hoje tão duramente provado, e conduzi-lo à verdadeira salvação em Cristo Jesus ...”¹⁸

Assim a denúncia e apoio aos judeus pela a igreja holandesa é exposta para toda a população, em retaliação o governo nazista libera às suas tropas para procurar em conventos e instituições católicas judeus convertidos ao catolicismo e deportá-los também entre elas a irmã carmelita Edith Stein e mais quatro mil judeus cristãos. Depois desse acontecimento, Pio XII vê que torna mais necessário o seu silêncio, assim o Sumo Pontífice pede para sua governanta queimar as folhas de protesto que seria publicada no jornal da igreja *L'Osservatore Romano* agora a ajuda a judeus deveria continuar somente através de obras, sua fiel escudeira Irmã Pascalina anotara em seu diário, o relato:

“Se a carta dos bispos custou a vida de quarenta mil pessoas, o meu protesto que tem o tom ainda mais forte, talvez pudesse custar a vida a duzentos mil judeus. Não posso assumir a responsabilidade tão grande. Por isso, é melhor não falar de

¹⁷ BLESSMANN, Joaquim. *O Holocausto, Pio XII e os Aliados*. Porto Alegre: Editora Edipucrs, 2003. p.46.

¹⁸ TORNIELLI, Andrea. *Pio XII: O Papa dos Judeus*. São Paulo: Editora Civilização, 2002. p.200-201.

forma oficial e fazer, em silêncio como até agora, tudo o que é humanamente possível”¹⁹

“(…) Por isso é melhor que em público eu me cale e que faça em silêncio, como antes. (...) Se entrarem aqui e encontrarem estas folhas, que farão dos católicos e judeus sob a espada alemã?”²⁰

Já em 25 de julho de 1943, Benito Mussolini chefe supremo do fascismo italiano, diante do colapso que a guerra gerava foi obrigado a renunciar seu cargo de Duce pelo rei Vitor Emanuel III, pois segundo ele “*você é o homem mais odiado da Itália (...) Eu sinto muito, mas não há outra saída*”²¹. Assim a Itália na figura do rei Vitor Emanuel e do marechal Badoglio, logo negociaram a rendição incondicional com os Aliados em 8 de setembro para que o sul da península itálica não sofresse mas tanto com os estragos da guerra, mas em consequência do outro lado do conflito Hitler não aceitou de bom grado a saída italiana da guerra e ordenou que dois de seus exércitos invadissem a Itália e conquistasse Roma.

Em 10 de setembro Roma é ocupada pelos alemães e nesse momento de extrema instabilidade dos italianos e de fúria dos partidos hitlerianos, padres e freiras permaneciam em contato direto com o Vaticano informando-os do que ocorria na Cidade Eterna e como o Tratado de Latrão estava sendo violados “*as basílicas de São João de Latrão, de São Paulo Extramuros e de Santa Maria Maior haviam todas sido incendiadas*”²², outros prédios e institutos de pesquisa da igreja também estavam sendo atacadas ou pelo menos na linha de fogo do exército do reich, que pelo Tratado assinado em 1929 as propriedades religiosas dentro de Roma estavam sobre comando do Vaticano, na qual o papa tinha direitos e jurisdição sobre elas, e como a Cidade do Vaticano estava neutra no conflito armado, suas propriedades não poderiam ser invadidas perante as leis internacionais. Já os alemães não sabiam quais propriedades poderiam ser atacadas ou não, o movimento de seu exército era somente atacar tudo o que via pela frente com seus blindados, pois a população romana contra-atacava de todas

¹⁹ TORNIELLI, Andrea. *Pio XII: O Papa dos Judeus*. São Paulo: Editora Civilização, 2002. p.200-205.

²⁰ BLESSMANN, Joaquim. *O Holocausto, Pio XII e os Aliados*. Porto Alegre: Editora Edipucrs, 2003. p.64.

²¹ GORDON, Thomas. *Os Judeus do Papa: o plano secreto do Vaticano para salvar os judeus das mãos dos nazistas*. São Paulo: Geração Editorial, 2013. p.138-139.

²² GORDON, Thomas. *Os Judeus do Papa: o plano secreto do Vaticano para salvar os judeus das mãos dos nazistas*. São Paulo: Geração Editorial, 2013. p.150.

as formas possíveis como em uma guerra civil, aonde a suástica nazista aparecia era logo atacada. Mas às 7 horas da noite a cidade estava sobre o comando dos alemães e a Rádio Roma transmitia para a população romana a proclamação em nome de Kesselring capitão do exército alemão.

“Roma está sob meu comando e é declarada território de guerra. Ela fica sujeita à lei marcial alemã. Quaisquer crimes cometidos neste território contra as minhas forças armadas serão punidos sob a lei marcial alemã. Aqueles que organizarem greves ou sabotagens, bem como franco-atiradores, serão imediatamente mortos a tiros. Até segunda ordem, toda correspondência privada está suspensa. Todas as conversas telefônicas serão rigorosamente supervisionadas. A polícia e outras autoridades civis estão subordinadas às autoridades alemãs para ajudar a prevenir todos os atos de resistência passiva. Todas as noites, às 21h30, começa o toque de recolher, que durará até as 7 horas da manhã do dia seguinte. Somente os serviços de emergência terão autorização para operar durante esse período.”²³

Em 26 de setembro todos os prédios públicos de Roma receberam um cartaz que deveria ser exposto, na qual tinha uma lista de penalidades para os violadores das leis impostas pelo alto-comando alemão e estava assinado pelo general Stahel:

“Por dar refúgio ou ajudar fugitivos prisioneiros de guerra: morte.
Por possuir um transmissor de rádio: morte.
Por saquear áreas evacuadas: morte.
Por deserção do trabalho ou sabotagem: morte.
Por não cumprir as expectativas de trabalho: morte.
Por não avisar as autoridades ao mudar de endereço: vinte anos de prisão.
Por tirar fotografias ao ar livre: trabalhos forçados pelo resto da vida.
Por imprimir ou publicar ou circular notícias pejorativas contra o prestígio das potências do Eixo: trabalhos forçados pelo resto da vida.”²⁴

Nesse contexto de punições tão explícitas era necessário o maior cuidado, das redes de apoio da igreja geridas por Pio XII e seus aliados. O auto comando

²³ GORDON, Thomas. *Os Judeus do Papa: o plano secreto do Vaticano para salvar os judeus das mãos dos nazistas*. São Paulo: Geração Editorial, 2013. p.153-154.

²⁴ GORDON, Thomas. *Os Judeus do Papa: o plano secreto do Vaticano para salvar os judeus das mãos dos nazistas*. São Paulo: Geração Editorial, 2013. p.190-191.

alemão tinha dois planos na Itália, o primeiro realizar a *Judenaktion* e o segundo sequestrar o Papa Pio XII e levar para a Alemanha.

Os preparativos da *Judenaktion* deveriam ser realizadas aos poucos, na primeira parte o exército alemão deveria revistar a sinagoga de Roma, e assim Ugo Foa líder da comunidade judaica foi requisitado para acompanhar a tropa alemã e liberar a entrada no recinto de forma amigável. Na segunda parte Ugo Foa e Almansi foram convidados ao quartel-general de Kappler e tiveram a seguinte proposta: cinquenta quilos de ouro pela vida dos judeus; não tinha jeito a exigência alemã deveria ser cumprida e luta contra o tempo para adquirirem o valor havia começado, a coleta do ouro ocorrera na sinagoga e todos os membros logo fizeram uma enorme fila para entregar seus objetos de valor desde aliança de casamento até pulseira e cordões, todos os objetos eram de muito valor sentimental, aos poucos vizinhos do gueto e membros do Hospital Fatebenefratelli começaram a ajudar com o ouro que também tinham, mas a notícia não era boa, tudo o que tinha sido contado ficara somente em trinta e cinco quilos, não havia jeito rabino Zolli decidiu pedir ajuda ao Papa, com a intermediação do cardeal Maglione, Zolli conseguiu a ajuda necessária “*o papa autorizaria a Santa Sé a fornecer os quilos de ouro que ainda eram necessários. Em uma hora, as barras foram entregues a Zolli. O rabino-mor pediu que a gratidão da comunidade judaica de Roma fosse transmitida a Sua Santidade*”²⁵. A quantidade de ouro requisitada pelo governo alemão havia sido conseguida e em uma caixa lacrada era enviada para Berlim, terminando a segunda parte em preparação para a *Judenaktion*.

Para a terceira e última parte era para tirar o gueto romano do mapa com pelo menos 8 mil judeus sendo transportados para os campos de concentração, para o início dessa última fase chegaram a Roma quatorze oficiais e subalternos, junto com quarenta soldados, da unidade móvel de Himmler, o líder para comandar essa missão seria de Theodor Dannecker “*mais cedo naquele mesmo ano ele havia executado deportações de mais de 11 mil judeus da Bulgária, da*

²⁵ GORDON, Thomas. *Os Judeus do Papa: o plano secreto do Vaticano para salvar os judeus das mãos dos nazistas*. São Paulo: Geração Editorial, 2013. p.207.

Grécia e da Iugoslávia para Auschwitz e Treblinka”²⁶. Dannecker sabia que não seria possível capturar todos os judeus de Roma, segundo suas experiências do passado, sempre teria uma minoria que conseguiria fugir, tentaria abarrotar o maior número de judeus no trem para enviá-los rapidamente à Alemanha, os que não conseguissem ir no trem ficariam mantidos no presídio Regina Coeli, a operação deveria acontecer durante a madrugada, quando as pessoas estariam dormindo e teriam a menor chance de escapar, a cada família judia no dia de deportação receberia uma carta em italiano em formato de cartão-postal indicando que a família seria transferidas para trabalhar e colaborar com os esforços de guerra da Alemanha, a missão estava programada para o dia 16 de outubro.

“Você e sua família, além de todos os judeus que fazem parte de seu ambiente doméstico, serão transferidos.

Vocês devem levar consigo:

Alimento para pelo menos oito dias.

Os carnês de racionamento.

As carteiras de identidade.

Vocês podem levar:

Uma mala pequena com artigos pessoais, roupas, cobertores, etc.

Dinheiro e joias.

Fechem e tranquem seu apartamento/casa. Levem a chave consigo.

Inválidos, mesmo nos casos mais severos, não podem ficar para trás, seja qual for o motivo. Existem enfermeiras nos campos.

Vinte minutos após a apresentação desse cartão, a família tem de estar pronta para sair.”²⁷

Porém antes da solução do dia 16, os judeus sofreriam um revés antecedendo o que estava pôr vir, no dia 13 de outubro jovens oficiais alemães chegaram a sinagoga para levar obras raríssimas, muitas do século V e VI, em algumas horas um total de 26.568 volumes estavam sendo furtado da biblioteca da sinagoga de Roma, uma grande parte da história judia estava sendo carregada para a Alemanha, um crime contra a história tinha sido feita.

²⁶ GORDON, Thomas. *Os Judeus do Papa: o plano secreto do Vaticano para salvar os judeus das mãos dos nazistas*. São Paulo: Geração Editorial, 2013. p.221.

²⁷ GORDON, Thomas. *Os Judeus do Papa: o plano secreto do Vaticano para salvar os judeus das mãos dos nazistas*. São Paulo: Geração Editorial, 2013. p.248.

Havia chegado o dia 16, a caçada aos judeus do gueto estava iniciada, a *Judenaktion* romana estava em curso, soldados armados estavam presentes no gueto indo de casa em casa com o cartão-postal entregando ao chefe de cada família, ao sair de suas residências os membros eram separados e levados aos caminhões, um relato anônimo seguiu adiante:

“De uma porta de entrada na Via del Templo, várias mulheres com crianças são empurradas bruscamente em direção à rua. As crianças estão chorando. Em todos os cantos, escuta-se um choro de cortar o coração e os suplícios das vítimas, enquanto os assassinos – alguns violentos, alguns indiferentes – cumprem suas tarefas sem qualquer sinal de piedade humana. Um grupo de pessoas, em sua maioria mulheres e crianças, é empilhado dentro de um caminhão. Tudo isso parece uma cena saída do purgatório.”²⁸

No final da tarde cerca de 1.259 judeus haviam sido levados para o quartel-general e dentre elas 859 mulheres e crianças, e ficariam no local até a segunda-feira quando seriam levados à estação de trem e depois iriam para a Alemanha. Entre os esforços da igreja para evitar a deportação desses judeus para território alemão o bispo Hudal conseguiu uma reunião com Dannecker, infelizmente com suas palavras não conseguiram a liberação dos judeus, mas conseguiria a dos não-judeus que estavam no quartel “*Dannecker concordando com Hudal que os 274 não judeus – cônjuges e descendentes – apreendidos na caçada deveriam ser libertados (...) eles puderam sair do quartel logo depois que o bispo voltou para o Vaticano.*”²⁹. Na segunda-feira o trem saía em direção à Alemanha e uma semana depois chegara em seu destino, poucas horas depois eram assassinados em câmaras de gás.

Hitler queria sequestrar Pio, pois segundo o *Führer* “*Pio havia sido responsável por persuadir o rei Vitor Emanuel III e Badoglio a abandonar o Eixo e se juntar aos Aliados*”³⁰. No dia de 13 de setembro Hitler decidira que o plano deveria ser executado e para tal ato de extrema importância havia selecionado o

²⁸ GORDON, Thomas. *Os Judeus do Papa: o plano secreto do Vaticano para salvar os judeus das mãos dos nazistas*. São Paulo: Geração Editorial, 2013. p.269.

²⁹ GORDON, Thomas. *Os Judeus do Papa: o plano secreto do Vaticano para salvar os judeus das mãos dos nazistas*. São Paulo: Geração Editorial, 2013. p.286.

³⁰ GORDON, Thomas. *Os Judeus do Papa: o plano secreto do Vaticano para salvar os judeus das mãos dos nazistas*. São Paulo: Geração Editorial, 2013. p.195.

general Karl Friedrich Otto Wolff, general da *Waffen-SS* e líder de toda a polícia da Itália em diálogo entre eles:

“Wolff, tenho uma missão especial para você. Será obrigação sua não discutir isso com ninguém antes de eu lhe dar permissão para fazê-lo. Quero que você e suas tropas ocupem a Cidade do Vaticano o quanto antes, apreendam seus arquivos e tesouros artísticos e tragam o papa para a Alemanha. *Não quero que ele caia nas mãos das forças aliadas ou que fique sob a pressão política ou influência deles.* Acha que conseguirá cumprir essa missão até quando? Quero que seja o quanto antes.”³¹

Wolff responde ao *Führer* o plano poderia ser executado em um tempo de quatro a seis semanas, mas para isso “*precisaria de unidades adicionais da SS e da polícia transferida para Roma; especialistas na identificação de tesouros artísticos preciosos; tradutores de latim e de grego para identificar os documentos dos Arquivos Secretos do Vaticano*”³². Apesar das credenciais antissemitas de Wolff, segundo o próprio identificou sequestrar o papa seria uma loucura extrema, em sua consciência a guerra já estava perdida então adiar e atrasar o plano seria uma forma de garantir sua sobrevivência e para precisaria da contribuição do embaixador alemão junto a Santa Sé, o barão Ernest von Weizsäcker.

Em 4 de junho de 1944, as tropas Aliadas libertavam Roma das mãos dos alemães dando fim a ocupação de 270 dias da ocupação nazista, quatro dias depois os portões do gueto eram abertas desde o início da *Judenaktion*. Aos poucos judeus saíam do Vaticano e dos demais abrigos e retornavam as suas casas.

3.3 Como salvar os judeus?

Pacelli decidia seguir o modelo de seu antecessor e manter o “silêncio” com o holocausto judeu, sem haver nenhuma condenação pública, para que assim

³¹ GORDON, Thomas. *Os Judeus do Papa: o plano secreto do Vaticano para salvar os judeus das mãos dos nazistas*. São Paulo: Geração Editorial, 2013. p.196.

³² GORDON, Thomas. *Os Judeus do Papa: o plano secreto do Vaticano para salvar os judeus das mãos dos nazistas*. São Paulo: Geração Editorial, 2013. p.197.

não ocorresse nenhuma forma de retaliação adicional; e dessa forma conseguisse formar o plano para salvar o maior número de judeus possível, apesar que em algumas vezes Pio XII assim como seu antecessor em algumas ocasiões denunciasses o totalitarismo de alguns governos, como já dito especificamente ao governo alemão na Encíclica *Mit Brennender Sorge*. E assim uma das suas primeiras ações em seu pontificado, foi se reunir com cardeais alemães como fizera anteriormente quando ainda era Secretário de Estado para observar e debater como os judeus estavam vivendo na Europa, agora para a nova missão o recém eleito papa reuniu com os cardeais para que esses canalizassem recursos em favor dos judeus, com as certidões de católicos em favor deles, dessa forma eles passavam por uma cadeia de conventos e mosteiros chegando na França ou Holanda e também ao norte da Itália, na qual o Vaticano, Castelgandolfo (casa de verão do Papa) e outras dependências católicas em Roma receberam judeus refugiados.

Com a invasão à Polônia das tropas alemãs em 1º de setembro de 1939, Pio XII dera a ordem para que os judeus conseguissem abrigos em todos os abrigos possíveis e uma segunda mensagem foi enviada a ao núncio na Turquia e em países neutros para que aumentasse os certificados de “católicos”, em outro extremo pediu que Padre Leiber se homem de confiança se reunisse com o chefe dos padres palotinos de Roma, o padre Anton Weber para iniciar a rede que traria judeus da Alemanha em segurança para Roma, aos poucos começavam a aparecer judeus refugiados no gueto (local onde a maioria da população judia vivia na capital italiana). Na Encíclica *Summi Pontificatus*, feita no início de seu pontificado, o pontífice condenava as razões da guerra e o modo que os poloneses era tratados como já falamos anteriormente, mas também nessa encíclica Pio XII cita que os cristãos devem ser bons samaritanos remetendo a passagem bíblica de fazer sempre o bem independentemente para que seja e ajuda aos necessitados, assim mesmo que implicitamente indica a posição da Igreja em relação aos judeus.

“Entretanto, veneráveis irmãos, o mundo e todos os que são hoje vítimas da calamidade bélica devem saber que o dever do amor cristão, base fundamental do reino de Cristo, não é uma palavra vã, mas uma viva realidade. Vastíssimo campo se abre à caridade cristã em todas as suas formas. Temos plena confiança

de que todos os nossos filhos, e especialmente aqueles não coenvoltos no flagelo da guerra, recordar-se-ão, a exemplo do divino Samaritano, de socorrer aqueles que, vítimas da guerra, têm direito à compaixão e socorro.”³³

Em 1942 o papa escreveu uma carta secreta aos bispos católicos, chamada *Opere et caritate* (Obra e Caridade) para que se salvasse judeus e outras vítimas de perseguição. No período em que a Itália saiu da guerra em 1943, Pio XII através da Rádio Vaticano continuava a expressar o horror em relação ao destino dos judeus e ataque a forma de governo na Alemanha:

“Qualquer ser humano que fizer distinção entre judeus e outros seres humanos é infiel a Deus (...) Aquele que conduz o destino de nações não deveria esquecer que, apesar de ostentar a espada, não é o senhor da vida e da morte”³⁴

No domingo 10 de setembro de 1943 após a deposição de Mussolini a Alemanha conquistou a capital italiana, e Pio XII com seus cardeais assessores buscavam soluções perante o sofrimento judaico e as propriedades religiosas que estavam sendo atacadas; a maior preocupação do papa era com o judeus que tinham fugido das tropas alemãs, segundo o pontífice em reunião o padre Weber diversos judeus estavam fugindo para Roma, já que centenas haviam entrado ilegalmente em território italiano, pelas fronteiras da Áustria e da Eslovênia, devido aos documentos falsos que tinham adquiridos; mesmo que o Tratado de Latrão no tivesse sendo respeitando pelas tropas alemãs era necessário um sistema organizado com todas as propriedades que estavam sob a proteção do tratado, era um risco a ser correr, mas era necessário, já que em outros países o reich não respeitava a igreja e suas propriedades.

“Tudo aquilo fazia parte da guerra sistemática contra a Igreja. O papa disse ainda que diariamente recebia relatório de padre e freiras da Polônia e de outros lugares que eram mandados para campos de concentração. Todos eles haviam sido acusados de ajudar os judeus e de se manifestar contra o nazismo. Mais que nunca, o Vaticano teria a obrigação de proteger os judeus que estavam em sua vizinhança. (...) o Vaticano teria de transformar cada convento, mosteiro e instituição possível em Roma em um

³³ PIO XII, Papa. *Carta Encíclica “Summi Pontificatus”*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1939. p.22.

³⁴ GORDON, Thomas. *Os Judeus do Papa: o plano secreto do Vaticano para salvar os judeus das mãos dos nazistas*. São Paulo: Geração Editorial, 2013. p.140.

refúgio secreto para judeus e os prisioneiros de guerra que haviam conseguido fugir.”³⁵

O’Flaherty, padre irlandês que era homem de confiança de Pio XII nessa rede secreta, pediu a alemã Irmã Pascalina a governanta do papa, que em seus momentos livres após cuidar dos rito matinais do sumo pontífice, ela faria visitas semanais aos hospitais que estavam sob comando da igreja, além disso também ligaria para conventos que descrito por O’Flaherty eram casas seguras para os judeus, esse contato seria feito com a madre superiora de cada convento para saber como estavam as acomodações e avisando que o Vaticano ajudaria financeiramente cobrindo custos de acomodação e alimentação, tal montante chegaria através da intermediação dos padres palotinos, comandado pelo padre Weber. O exemplo foi o convento da Ordem de Santa Brígida, na qual havia um refúgio secreto subterrâneo onde as freiras se abrigavam na Idade Média, quando Roma estava sendo atacada, agora a madre superiora explicava para Pascalina que *“o local estava sendo equipado com quartos, onde os refugiados poderiam dormir”*³⁶. O depoimento do judeu Mario Terracina, também nos ajuda a entender como a igreja agia em suas propriedades:

“Os salesianos nos acolheram com incrível espontaneidade, como se fosse a coisa mais natural do mundo arriscar a vida para esconder pessoas procuradas. Além disso, esforçaram-se espontaneamente para nos fornecerem documentos falsos (...). Dois dele acompanharam-me ao registro civil e fizeram uma declaração oficial testemunhando que conheciam a minha identidade (...). Recebi também uma carteira de trabalho. Certificava que eu trabalhava nas Indústrias Todt, uma fábrica de armamentos que empregava operários italianos”³⁷

O Vaticano ainda preocupado com que os alemães não respeitassem suas propriedades extraterritoriais, fizeram que na segunda semana de ocupação do reich em Roma, Kesselring chefe do exército alemão na capital italiana se reunira com o Papa Pio XII em uma rápida audiência, na qual era garantido algumas

³⁵ GORDON, Thomas. *Os Judeus do Papa: o plano secreto do Vaticano para salvar os judeus das mãos dos nazistas*. São Paulo: Geração Editorial, 2013. p.160.

³⁶ GORDON, Thomas. *Os Judeus do Papa: o plano secreto do Vaticano para salvar os judeus das mãos dos nazistas*. São Paulo: Geração Editorial, 2013. p.175.

³⁷ BLESSMANN, Joaquim. *O Holocausto, Pio XII e os Aliados*. Porto Alegre: Editora Edipucrs, 2003. p.67.

concessões, destacando-se: que os veículos com placa de licenciamento do Vaticano poderiam andar pelas ruas da capital italiana sem quaisquer restrições; todas as propriedades extraterritoriais da igreja teria um aviso na porta em italiano e alemão com a assinatura do general Rainer Stahel “*Aviso. Este edifício serve para fins religiosos e está na dependência do Estado da Cidade do Vaticano. São proibidas quaisquer perquirições ou requisições*”³⁸ e nela nenhuma autoridade alemã poderia entrar; o exército alemão não poderia cruzar a linha branca que demarcava a fronteira do Vaticano com a Itália. O Hospital Fatebenefratelli era o ‘hospital dos judeus’, pois ficava próximo ao gueto romano, mas era administrado pela Ordem de São João. Logo na entrada do Hospital Fatebenefratelli com medo de que acontecesse o mesmo que em outros hospitais romanos que foram inspecionados por soldados alemães a procura de judeus e membros feridos da resistência, assim que foi avisado sobre as concessões que o Vaticano havia conseguido, logo foi instalada uma placa com os dizeres “Ordem de São João. Propriedade da Santa Sé”, pois muitos de seus pacientes estavam feridos por violar o toque de recolher, e logo após passarem por cirurgias eram transferidos para uma outra ala na qual era identificada como uma unidade de isolamento para paciente com tuberculose, essa era a forma para que se evitasse qualquer tipo de contato com esses homens para a sua recuperação e assim depois volta a atacar as tropas alemães no decorrer das noites italianas. Em memória do que aconteceu nesse hospital foi colocado uma lápide de mármore nas paredes, com seguintes dizeres:

“Neste instituto, no pontificado de Sua Santidade Pio XII, acolhidos pela exemplar caridade dos Filhos da Imaculada Conceição, numerosos judeus encontraram asilo e sustento durante a ocupação nazista de Roma. Certos do triunfo da Civilização do amor sobre a barbárie, os que escaparam ao nefando holocausto, reconhecidos, apontam aos vindouros esse brilhante testemunho de bondade e humanidade.”³⁹

Muitos judeus chegavam a Roma vindos do norte da Europa, já que na capital italiana ainda não havia iniciado a dizimação e deportação judaica, todos esses homens portavam documentos que os identificavam como peregrinos católicos e chegavam em pequenos grupos e logo saíam das mãos dos palotinos e

³⁸ TORNIELLI, Andrea. *Pio XII: O Papa dos Judeus*. São Paulo: Editora Civilização, 2002. p.243.

³⁹ TORNIELLI, Andrea. *Pio XII: O Papa dos Judeus*. São Paulo: Editora Civilização, 2002. p.249.

ficavam em vigor dos padres da rede de O'Flaherty e esses os levavam para os abrigos religiosos, outros que tinha familiares no gueto romano eram levados por algum membro da *DELASEM*. O Papa Pio XII recebia sempre relatórios de como estavam a estadia e a quantidade de judeus em cada um dos locais seguros; sempre lembrava que além de salvar a vida de judeus era importante também para salvar os materiais das sinagogas e dos centros culturais, especificamente das bibliotecas, pois a história do povo judeu era de extrema importância para a população mundial; também havia pedido espaços para que os judeus pudessem realizar seus ritos religiosos, em um desses relatórios, Pio ficara sabendo que:

“Uma sinagoga havia sido aberta no porão do mosteiro de São Francisco de Assis, onde quase uma centena de judeus podia celebrar seus ritos religiosos às escondidas, enquanto os monges rezavam pouco acima, na capela. (...) Em outubro de 1943 o papa havia nomeado seu próprio homem de contato com a *Delasem*, o padre capuchino Bourg D're. Ele recebeu uma soma de 5 milhões de lira para fornecer alimentos, roupas, e remédios aos refugiados judeus que chegavam a Roma.”⁴⁰

A *DELASEM* (Delegação para a assistência de emigrantes judeus) que era organizado pela resistência italiana contra a ocupação alemã foi uma importante aliada da igreja nesse processo de tentar salvar judeus dos ataques nazistas, assim eles traziam judeus refugiados e levavam em segurança à casa de seus familiares em Roma e também enviava outros em pequenos grupos para a Suíça que estava neutra na guerra, na qual padres palotinos ajudavam membros da *DELASEM* nessa peregrinação ao país vizinho levava consigo documentos carimbados pelo Vaticano para atravessarem a fronteira “*os homens judeus eram vestidos com paramentos fornecidos pelas ordens religiosas. As mulheres vestiam hábitos de freiras, e as crianças eram registradas como órfãs de um lar católico*”⁴¹, chegando em território suíço havia outros membros da filial da *DELASEM* e padres católicos, para dar assistência a nova vida desses homens, agora livres do medo do holocausto.

Dr. Vittori Sacerdoti um dos médicos do Hospital Fatebenefratelli com sua equipe de funcionários a maioria compostos por católicos leigos e religiosos como

⁴⁰ GORDON, Thomas. *Os Judeus do Papa: o plano secreto do Vaticano para salvar os judeus das mãos dos nazistas*. São Paulo: Geração Editorial, 2013. p.228.

⁴¹ GORDON, Thomas. *Os Judeus do Papa: o plano secreto do Vaticano para salvar os judeus das mãos dos nazistas*. São Paulo: Geração Editorial, 2013. p.176.

muitas freiras, estavam com receios devido as novas regras das leis e das penalidades impostas contra quem ajudasse os inimigos do reich, declaração de 26 de setembro assinado pelo general Stahel, logo no hospital não seria somente esconderijo dos violadores do toque de recolher, mas também dos judeus e em sua maioria crianças e idosos, na qual poderiam ser internados com um diagnóstico falso de tuberculose, assim a Irmã Ester enfermeira-chefe da ala infantil poderia ensinar o som correto da tosse caso soldados alemães entrassem no hospital, e ainda para evitar esse contato ela decidira junto com sua equipe criar uma ala de maior cuidado a criação de uma nova forma de tuberculose mais contagiosa, como *morbo di K* “*Síndrome de K*”, ou seja “*do nome do cientista Koch que descobriu a tuberculose (...) mas nós saberemos que nosso K se refere a Kesselring, um lembrete de todas as coisas ruins que ele tem feito*”⁴² completara a Irmã Ester, o medo que os alemães aos poucos começasse a atacar os judeus do gueto, estava no imaginário, como já tinham feito em outros países; nesse processo setenta e cinco judeus, a metade sendo crianças foram escolhidas para a Síndrome K e foram levadas para o hospital, o número foi restrito devido o espaço disponível no Fatebenefratelli, mas qualquer judeu que pudesse ser salvo de qualquer ameaça já era benéfico.

E em 16 de outubro de 1943 iniciou a deportação de 1.200 judeus para Auschwitz na manhã de domingo porque Pio XII foi avisado pela princesa Enza Pignatelli Aragona do que estava acontecendo na capital italiana e logo o sumo pontífice tomou providências, os judeus que conseguiram fugir do gueto também procuraram as casas religiosas.

“Ele convocou os conventos e mosteiros para que abrigassem os judeus perseguidos (...) contabiliza que 477 judeus abrigados no Vaticano e suas propriedades extraterritoriais, ‘enquanto outros 4.238 encontraram refúgio nos numerosos mosteiros e conventos em Roma’”⁴³

⁴² GORDON, Thomas. *Os Judeus do Papa: o plano secreto do Vaticano para salvar os judeus das mãos dos nazistas*. São Paulo: Geração Editorial, 2013. p.191.

⁴³ SOUZA, Luís Tarcísio. *Um estudo sobre as principais acusações e defesas sobre antisemitismo e omissão de Pio XII nos episódios da Shoah*. 2013. 187 f. Dissertação (Mestrado em Teologia Sistemática), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009. p.46.

4. O antissemitismo no Brasil

4.1. O preconceito antijudaico

Com a Revolução de 1930 que colocou Getúlio Vargas como presidente da República e posteriormente o estabelecimento do autoritarismo do Estado Novo em 1937, evidenciou a polarização política no país, além a perseguição de comunistas e da esquerda em geral, pós a tentativa fracassada da revolta comunista de novembro de 1935, nesse contexto também ganharam forças as ideias racistas antijudaicas no país, pois em diversos momentos o comunismo e o judaísmo estavam interligados para destruir o capitalismo. Maria Luiza Tucci Carneiro em seu livro vai citar que:

“Uma consequência desse clima foi a redução, nos anos de 1930, das cotas de imigração; os cônsules na Europa receberam instruções explícitas de não conceder vistos a toda pessoa de ‘origem’ semita. É evidente que políticos e diplomatas procuraram impedir o ingresso de refugiados judeus europeus no Brasil. (...) Mas houve também outros que manifestaram empatia perante o sofrimento dos judeus, como o fez o embaixador da França, Luis Martins de Souza Dantas.”⁴⁴

Em junho de 1937, meses antes do estabelecimento do Estado Novo, o Ministério do Exterior uma circular secreta (número 1127) enviada aos cônsules na Europa, proibindo a concessão de vistos a pessoas de “origem semita”, assim a imigração judaica caiu por volta de 75% no ano seguinte, dessa forma todas os judeus sofreram as consequências sejam eles turistas, homens de negócios e artistas, por exemplo, mas claro houve algumas exceções. Segundo o autor Avraham Milgram o motivo dessa proibição era a aproximação do governo varguista com os governos totalitários vigentes na Europa nazismo e fascismo, levando assim a total restrição legal da imigração judaica. Ainda nesse sentido a partir desse ano, além da nacionalidade do imigrante que chegava no Brasil, também iria ser relatado se o mesmo seria judeu ou não-judeu, já que antes disso não tinha o controle do número de judeus que imigravam ao país. Ainda segundo a circular secreta enviada às Missões Diplomáticas e Consulados no exterior, só poderia liberar vistos para judeus em algumas situações:

⁴⁴ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O Anti-semitismo nas Américas: Memória e História*. São Paulo: Editora Edusp, 2007. p.209.

- “a) ao semita já radicado no país, por ser casado com brasileira, ter filho brasileiro ou possuir bens imóveis no Brasil (...);
- b) pessoa de notória expressão cultural, política ou social, assim como em relação a artistas especialmente contratados para se exibirem no Brasil;
- c) poderão ser visados os passaportes de semitas que pretendem visitar o Brasil fazendo parte de uma excursão coletiva ou cruzeiro (...)
- d) estrangeiros munidos de passaporte diplomático (...) A recusa de visto em qualquer dos casos aqui previstos (...) deverá ser justificada sem qualquer referência à questão étnica”⁴⁵

Nesse sentido de política antijudaica, intelectuais brasileiros também tomaram partido dessa conjuntura, como Osório Lopes diretor do Jornal carioca *A União*, na qual é o autor do livro chamado *O Problema Judaico*, nesse livro ele fazia uma análise sobre o judaísmo mundial “assinalava a perigo dos judeus para o mundo inteiro”⁴⁶ e conseqüentemente também para o Brasil, fazendo com que essa tese de racismo ficasse em vigor junto com a política governamental iria ganhando forma perante a população; o sacerdote Agnelo Rossi da arquidiocese de São Paulo foi um dos grandes defensores das ideias de Osório Lopes, na qual a questão judaica não era somente um problema europeu e isso brasileiro também e era necessário conhecer o inimigo, e assim tentar evitar a infiltração de judeus no território nacional. Ainda segundo Osório, Rossi e outro autores da época como João Cabral, os judeus como minoria étnica era o fator dos problemas, pois queriam fundar uma pátria na própria pátria, pois esses não possuíam território próprio, essa era visão compartilhada do racismo perante os judeus em todo o mundo.

“Anti-semitismo moderno, expresso nos *Protocolos*, em que os judeus eram acusados de uma conspiração tendente a apoderar-se de todos os centros de poder no mundo, da economia, dos bancos, da política, da imprensa e da sociedade católica em geral, com o fim de destruir a civilização cristã e proclamar o reino de Israel”⁴⁷

Gustavo Barroso foi outro autor com diversas obras que ajudaram a expressar a literatura antisemita com as seguintes obras: *A Sinagoga Paulista*;

⁴⁵ MILGRAM, Avraham. *Os judeus do Vaticano: A tentativa de salvação de 959 judeus, da Alemanha ao Brasil através do Vaticano entre 1939-1942*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1994. p. 69.

⁴⁶ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O Anti-semitismo nas Américas: Memória e História*. São Paulo: Editora Edusp, 2007. p.224.

⁴⁷ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O Anti-semitismo nas Américas: Memória e História*. São Paulo: Editora Edusp, 2007. p.227.

Judaísmo; Maçonaria e Comunismo; História Secreta do Brasil. Todas essas obras foram contribuídas com os periódicos integralista principalmente do Rio de Janeiro e São Paulo. Somando a elas além do mito da conspiração judaica, agora teria alertas sobre a entrada de imigrantes judeus. Esse ano de 1937 foi um dos ápices para à obstrução da entrada de imigrantes judeus no Brasil.

Para a imigração de estrangeiros no Brasil, o imigrante deveria ter o espírito nacionalista do governo varguista, com alguns aspectos fundamentais “*cultura latina, de religião católica e ascendência portuguesa, italiana e até espanhola. Estes reuniam a totalidade das categorias civilizatórias que mais se aproximavam da imagem idealizada pelos guardiões da nacionalidade brasileira*”⁴⁸, nesse sentido estavam excluídos os judeus, de qualquer origem, pois todos eram israelitas e habitavam a lista dos indesejáveis pelo governo brasileiro.

4.2. Vistos para judeus entrarem no Brasil

Vimos anteriormente que o laicato brasileiro era contra a imigração de judeus, muito influenciados pelas práticas, leis e modo de vida praticado em território nacional, além de ainda acharem o judaísmo um inimigo ao catolicismo, mas essa prática foi combatida por outra ala da igreja brasileira.

Ainda no período pré-guerra o arcebispo de Porto Alegre, João Becker um dos religiosos mais importante do Brasil já denunciava o antissemitismo praticado na Alemanha através de suas práticas pastorais, ele utilizava ainda a tradicional figura negativa dos judeus que foi reinante no reino católico, na qual eles foram os culpados pela crucificação e morte de Jesus Cristo, mas recusava o racismo porque a fé e Jesus eram o que formava a unidade do gênero humano, independentemente de raças, cor ou religião e para ele a solução para o problema vivido pelos judeus era “*a aplicação da justiça e caridade cristãs*”⁴⁹, delegando assim a luta em favor dos judeus contra o racismo sempre levando como

⁴⁸ MILGRAM, Avraham. *Os judeus do Vaticano: A tentativa de salvação de 959 judeus, da Alemanha ao Brasil através do Vaticano entre 1939-1942*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1994. p. 128.

⁴⁹ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O Anti-semitismo nas Américas: Memória e História*. São Paulo: Editora Edusp, 2007. p.214.

referência a Encíclica *Mit Brennernder Sorge* (Com Ardente Preocupação). Com a eclosão da guerra o Brasil, juntamente com os demais países da América Latina buscaram a neutralidade, assim o episcopado brasileiro seguiram a influência nacional e também da igreja, mesmo assim Becker continuara a atacar o regime hitlerista em contraposição as demais religiões, nesse clima bispos de São Paulo destacavam que a Alemanha não tinha o direito de fazer esses horrores da guerra com os judeus e a invasão a Holanda e Luxemburgo e à caça aos perseguidos nesses países também, além da Polônia

“As invasões alemãs, o sofrimento causado a outros povos, o esmagamento dos direitos dos países pequenos, a execução de inocentes e o aumento da violência. (...) Não há direito de destruir outros povos, pois todos possuem direito à vida e à liberdade. Baseando-se nas palavras do Papa, propuseram conseguir um acordo e restituir o equilíbrio mundial”⁵⁰

Antecedendo o início da guerra foi realizado na cidade de Évian na França, a Conferência de Évian em julho de 1938, tinha como objetivo solucionar a questão dos refugiados políticos na Alemanha e na Áustria, e o Brasil foi convidado para participar representado por Hélio Lobo entre os envolvidos estavam os Estados Unidos, Grã-Bretanha e França, devido a presença do Brasil na conferência a Igreja viu que poderia tentar enviar judeus para o território brasileiro.

Juntando a Conferência de Évian com o início do genocídio de judeus na Europa, especialmente em território alemão, fez com que a Santa Sé buscasse asilo para não-arianos aqui no Brasil, assim o Vaticano iniciou o projeto diplomático conhecido como a ação brasileira (*Brasilienktion*). A tentativa entre a Igreja e o governo brasileiro era para a obtenção de 3.000 vistos para católicos não-arianos que residiam na Alemanha. O contato começou em final de março de 1939, quando o cardeal Faulhaber de Munique e o de Berning de Osnabruck pediram ao Papa Pio XII a intervenção junto ao governo brasileiro para que solicitasse a entrada de católicos não-arianos no Brasil. Em detalhes a correspondência do bispo Berning ao Papa:

⁵⁰ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O Anti-semitismo nas Américas: Memória e História*. São Paulo: Editora Edusp, 2007. p.219.

“Ouso, portanto, visto a extrema miséria dos cristãos não-arianos, rogar-lhes um favor com a maior reverência, que Sua Santidade se digne a solicitar – por telegrama ou por correio aéreo – uma audiência com o presidente Getúlio Vargas, requerendo a quantia de 3.000 vistos não para judeus de fé mosaica, que são, de qualquer modo, preferidos na Palestina e nos Estados Unidos, mas aos cristãos não-arianos discriminados, que, na Alemanha, podem ser encontrados por intermédio da Igreja, não sendo difícil saber se são merecedores para tal”⁵¹.

A pedido de Pio XII o cardeal Maglione, secretário-geral do Vaticano entra em contato com Aloísio Masella, núncio do Rio de Janeiro que encaminhasse ao presidente Getúlio Vargas a quota de visto conforme a igreja havia pedido, na qual a sociedade de São Raphael em Hamburgo junto com o Consulado brasileiro na Alemanha, ficariam responsável pelo no processo de imigração; com esses termos Masella se reuniu com Osvaldo Aranha, Ministro de Relação Exteriores, assim em 20 de junho de 1939 o presidente concede 3.000 vistos conforme a lei de imigração do país.

Porém as regras impostas para a obtenção dos vistos eram extremamente complexas, difíceis para católicos e quase impossível para judeus, na qual cada família de até três membros deveria ter pelo menos vinte contos de réis, para depositar ao Banco do Brasil e que possuíssem profissões referentes à indústria ou agricultura. Segundo Berning diretor da Sociedade de São Raphael, informara ao Vaticano que essas exigências do governo brasileiro faria com que somente 30 a 40 famílias conseguiriam a imigração para o Brasil, então novamente seria necessário a intermediação da Igreja nesse assunto, seis meses depois da liberação de vistos o governo brasileiro comunicava a Secretária de Estado do Vaticano, a taxa de vinte contos de réis estava abolida *“a fim de que esta facilite o visto dos passaportes para as pessoas recomendadas pelo Raphaelverein de Hamburg, segundo o desejo expresso pela Santa Sé”*⁵². Porém a taxa estava excluída mediante a uma exigência que esses imigrantes tivessem trabalho assegurado no

⁵¹ MILGRAM, Avraham. *Os judeus do Vaticano: A tentativa de salvação de 959 judeus, da Alemanha ao Brasil através do Vaticano entre 1939-1942*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1994. p. 85.

⁵² MILGRAM, Avraham. *Os judeus do Vaticano: A tentativa de salvação de 959 judeus, da Alemanha ao Brasil através do Vaticano entre 1939-1942*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1994. p. 97.

Brasil; caso não houvesse a renda e nem o trabalho só poderia vir uma quantidade de cinquenta pessoas por mês, nesses casos.

O Conselho de Imigração e Colonização brasileiro transmitira novas instruções em março de 1940, os 3.000 vistos seriam divididos e distribuídos da seguinte forma: 2.000 ficaram a cargo da embaixada brasileira em Berlim, na qual os candidatos seriam selecionados pela São Raphael de Hamburgo, os 1.000 vistos restantes ficaria a disposição da embaixada brasileira junto a Santa Sé, na qual poderia ser distribuída para candidatos de outros países europeus, mas uma coisa era certa o visto só poderia ser concedido a católicos, cuja fé era garantida por certificado de batismo anterior ao ano de 1935; essa última exigência fazia com que torna-se ainda mais complicado enviar judeus da Alemanha para o Brasil, já que Pio junto com sua rede de comunicação fornecia certidão de batismo para judeus poderem trafegar em determinada segurança entre os países europeus para fugir do holocausto, mas a maioria das certidões eram emitidas e datadas no final dos anos de 1930, então diminuía bruscamente a quantidade de pessoas que poderiam ser enviadas ao território brasileiro, independentemente se fosse conversão por razões de fé ou somente por medo da solução final, o ano selecionado pelo governo brasileiro de 1935 foi pelo motivo que nesse ano foi decretadas as leis raciais de Nuremberg, então após essa data o batismo poderia ter sido realizado por oportunismo. Isso faria com que o governo varguista tentasse não realizar ou diminuir ao máximo a quantidade de judeus vindo ao Brasil, já que como vimos anteriormente o preconceito com os judeus estava presente na sociedade brasileira nesses anos, e isso tornou-se eminente quando os primeiros refugiados que chegaram ao Brasil tinham sido recém-batizados com uma péssima impressão segundo o governo brasileiro e dessa forma comunicaria ao Vaticano “*que os judeus aos quais se concede ingresso no Brasil devem ser batizados pelo menos há alguns anos*”⁵³, essa era a forma que o governo brasileiro encontrara para evitar o mau judeu, aquele que vinha contra o progresso nacional e a conversão judia era tudo de fachada.

⁵³ MILGRAM, Avraham. *Os judeus do Vaticano: A tentativa de salvação de 959 judeus, da Alemanha ao Brasil através do Vaticano entre 1939-1942*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1994. p. 108.

Irmã Pascalina, governanta do papa, deixara claro em sua anotação pessoal que Pio sempre forneceu esforços para a ajuda aos judeus.

“Pio XII nunca quis que suas boas ações fossem reveladas. Quando nossos hóspedes conseguiam sair do Vaticano para ir ao Canadá ou ao Brasil ou para qualquer outro lugar que fosse, ele ordenava que eu retirasse dinheiro suficiente de seus fundos pessoais para dar a cada família mil dólares dentro de um envelope lacrado.”⁵⁴

4.3 Boicote ao projeto

Ciro de Freitas Vale era o embaixador brasileiro em Berlim no ano de 1940 e ele ficaria responsável pelos 2.000 vistos a ser expedidos à católicos não-arianos. A Comunidade de São Raphael de Hamburgo ficava 248 km de Berlim, então fazia com que o processo da intermediação de vistos fossem demorados; então o bispos de Berlim junto com os religiosos tentaram junto a Freitas Vale a liberação de vistos com a intermediação do cônsul brasileiro em Hamburgo, para facilitar esse processo, mas a resposta foi negativa, segundo ele por motivos econômicos.

Antes de chegar a Berlim, Freitas Vale estava em Bucareste na Romênia no ano de 1947 quando a política romena efervesceu na qual haveria eleições parlamentares “*os meses que precederam a campanha eleitoral foram caracterizados por uma intensa campanha anti-semita*”⁵⁵. Dessa forma presenciou a vitória da extrema-direita romena, na qual era necessário resolver a questão judaica, na qual o isolamento e boicote levaria a expulsão dos judeus. E o próprio enviara um documento a Osvaldo Aranha sobre o vivido em Bucareste, e a imagem dos judeus, partes era até parecido da figura que era idealizada e combatida pelo governo varguista, então assim antes mesmo de chegar a Berlim, em Freitas tinha fluído o seu furor antisemita, como de várias parte do governo brasileiro.

⁵⁴ GORDON, Thomas. *Os Judeus do Papa: o plano secreto do Vaticano para salvar os judeus das mãos dos nazistas*. São Paulo: Geração Editorial, 2013. p.207.

⁵⁵ MILGRAM, Avraham. *Os judeus do Vaticano: A tentativa de salvação de 959 judeus, da Alemanha ao Brasil através do Vaticano entre 1939-1942*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1994. p. 112.

“Esse documento, de profundo teor anti-semita, projetou os judeus segundo parâmetros ideológicos dos partidos políticos e da imprensa da extrema-direita romena. Os judeus foram representados dominando o comércio, o capital, a imprensa (...) eram pintados como exportadores do comunismo”⁵⁶

Entre seu tempo na embaixada romena em 1938 e sua chegada a Berlim em 1939, Freitas Vale foi ministro de Relações Exteriores por três meses. Mas em território alemão Vale trocavam correspondências com outros embaixadores brasileiros na Europa e podemos destacar como entre muitos o preconceito com os judeus estava latente na correspondência com Teixeira Filho em Havana na qual os judeus saíam de Hamburgo para Cuba por navios ilegais, na qual Fugêncio Batista presidente cubano não iria aceitar essa imigração semita, mas que tal ato poderia ocorrer também para outros países da América Latina. A correspondência do cônsul Pinheiro de Vasconcelos que estavam em Londres com Freitas Vale evidencia ainda mais tal preocupação com o medo judeu:

“A situação hodierna do continente europeu, com a defecção do judaísmo do território alemão que, em massa, se espalha errante por todos os seus países, com prazos limitados de estada; (...) o sofrimento geral dessas massas de gente nômade, provocando, como não pode deixar de provocar, sentimentos de piedade. (...) É estranho que os ingleses, possuídos de vastas terras coloniais (...) não procurem encaminhar esses desgraçados e, em parte, perigosos elementos humanos, nas suas ricas e largas possessões e voltem os seus olhos para a América do Sul, como o único Continente capaz de poder recolher esses infelizes homens.”⁵⁷

Todos esses importantes diplomatas brasileiros que estavam no seio do continente europeu em meio a esses acontecimentos, adquiriam tal preconceito antisemita ou porque trazer judeus para o Brasil se os demais países europeus não queriam esse carmo, mas acima de tudo era pelo patriotismo brasileiro, pelo bem nacional, os judeus poderiam causar dificuldades para o governo nacional, o preconceito que havia no mundo contra esse povo sem território, sem nação, também era absolvido por brasileiros dentro e o fora do país.

⁵⁶ MILGRAM, Avraham. *Os judeus do Vaticano: A tentativa de salvação de 959 judeus, da Alemanha ao Brasil através do Vaticano entre 1939-1942*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1994. p. 112.

⁵⁷ MILGRAM, Avraham. *Os judeus do Vaticano: A tentativa de salvação de 959 judeus, da Alemanha ao Brasil através do Vaticano entre 1939-1942*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1994. p. 114.

A hierarquia católica na Alemanha, começou a perceber que o Freitas Vale, havia absolvido o ódio racial que era imposto em todas partes do Terceiro Reich, e mesmo assim procurava soluções para a imigração desses homens, como a transferência dessa resolução para o consulado de Hamburgo, a Igreja agia de forma ingênua pensando que o preconceito era somente de Freitas Vale, mas estava erradicado nos homens brasileiros.

Devido a esse clima de relação diplomático e ideológica estritamente complicada, foi adquirido somente 959 vistos para a entrada de imigrante no Brasil. A maioria foi assinada e distribuída pelo embaixador brasileiro em Roma, Hildebrando Accioly que tinha em mãos 1.000 vistos, os outros 2.000 ficaria nas mãos de Freitas do Vale que retardou o processo. “*A Santa Sé através da Obra de São Rafael ajudou a expatriar cerca de 1500 judeus alemães, polaco, austríacos e iugoslavos*”⁵⁸, mas nenhum deles vieram para o Brasil. Accioly enviou o seguinte telegrama ao governo brasileiro sobre os judeus que conseguiram o visto para imigrar ao Brasil, em 28 de novembro de 1941.

“Em obediência às instruções do despacho telegráfico nº30, tenho a honra de remeter a Vossa Excelência, em anexo a relação das autorizações de visto concedidas por estas Embaixadas a israelitas católicos, as quais sobem a 959 nomes.

Tendo sido distribuídas estas autorizações a diversos Consulados e em diferentes datas, não pode esta Embaixada determinar onde se encontram aqueles israelitas muitos dos quais já estão seguramente em viagem. (..)

Solicitando a Vossa Excelência a manutenção dos vistos já concedidos (...) se habilitaram para a viagem adquirindo bilhetes marítimos em Lisboa por intermédio dos sacerdotes disso encarregados pelo Vaticano”⁵⁹

Nesse telegrama de Accioly cita como a rede de influência da igreja acontecia por toda a Europa. Mas dos 959 vistos foram obtidos pelos Consulados de Roma, Gênova, Trieste, Antuérpia, Paris, Bucareste, Londres, Belgrado, Málaga, Nápoles, Londres, Lisboa, Liverpool, Marselha, Zurique e Amsterdã; ou

⁵⁸ TORNIELLI, Andrea. *Pio XII: O Papa dos Judeus*. São Paulo: Editora Civilização, 2002. p.241.

⁵⁹ MILGRAM, Avraham. *Os judeus do Vaticano: A tentativa de salvação de 959 judeus, da Alemanha ao Brasil através do Vaticano entre 1939-1942*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1994. p. 29-31.

seja, diversos países da Europa, exceto aonde o Reich tinha influência e dos locais que dependeria da autorização de Freitas Vale.

5. Os testemunhos valiosos

Nessa última parte iremos analisar brevemente a trajetória de três indivíduos que de formas distintas sofreram e foram marcados por essa relação entre a Igreja e os judeus, destacamos Israel Zolli, Padre Pietro Pappagallo e Otto Maria Carpeaux.

Traremos o testemunho de Israel Zolli rabino-mor de Roma, após o fim da guerra renuncia ao seu poder e prestígio perante a comunidade judaica e decide se converter ao catolicismo, em 17 de fevereiro de 1945 “*recebe o sacramento do batismo na basílica de Santa Maria dos Anjos e se tornou católico. Mudou seu nome para Eugênio, nome de batismo do papa Pio XII*”⁶⁰.

Zolli era um judeu-polaco, tornou-se rabino de Trieste em 1920, no ano de 1939 é nomeado rabino-mor de Roma. Nesse momento da guerra Zolli tenta convencer outros líderes judaicos a fazer com o povo se esconda da solução final dos nazistas que poderia ocorrer a qualquer momento, o melhor a se fazer era a fuga dos judeus contra o inimigo poderoso. Ocorre então as três partes para a *Judeknation*, Zolli estava em todas elas e é ele que pede ajuda a Pio XII quando é necessários os 15 quilos de ouro faltante, que precisava para completar o montante de cinquenta quilos exigido pelos alemães para poupar a vida dos judeus romanos.

Zolli também recebe o convite durante a ocupação alemã que se fosse de sua necessidade poderia viajar e se estabelecer na América Latina, pois a Igreja ajudaria sua família com o traslado, e ele como rabino-mor de Roma poderia facilmente ser capturado pelas tropas nazistas devido a seu nível hierárquico. Por esse medo Zolli com sua esposa e suas duas filhas foram morar no Vaticano até o final da guerra. Após o fim da guerra em seus escritos Zolli relata que durante a festa judaica da Expição (*Yom Kippur*), é a última grande celebração religiosa que Zolli está na frente do povo judeu, pois depois disso ele pede a renúncia a seu cargo e se converte ao catolicismo recebendo o sacramento do batismo, no ano

⁶⁰ GORDON, Thomas. *Os Judeus do Papa: o plano secreto do Vaticano para salvar os judeus das mãos dos nazistas*. São Paulo: Geração Editorial, 2013. p.339.

seguinte sua esposa e filha seguem o mesmo caminho; sua decisão não foi aceita pelo irmãos judeus.

O autor Neri Melo cita que a conversão do rabino “*se deu por motivos teológicos, o que seguramente era verdade, mas o fato de o Papa ter trabalhado tanto em benefício dos judeus sem dúvida levou a procurar conhecer mais a fundo as verdades do cristianismo*”⁶¹. Zolli relata seu testemunho sobre Pio XII:

“Nenhum herói da história jamais comandou um tal exército. Nenhuma milícia foi mais atuante, nenhuma foi mais combatida, nenhuma foi mais heroica do que essa conduzida por Pio XII em nome da caridade cristã (...). Um exército de sacerdotes trabalhava nas cidades e nas pequenas aldeias a fim de providenciar pão para os perseguidos e passaporte para os foragidos (...). Nenhum sacrifício monetário era considerado grande demais, desde que se tratasse de ajudar os inocentes a fugir para terras estrangeiras, longe daqueles que os procuravam matar.”⁶²

Outro caso é do Padre Pietro Pappagallo nasceu em Terlizzi no sul da Itália, chegou como pároco em Roma em 1925. Desde então colocou-se ao lado dos operários e trabalhadores miseráveis da capital italiana, ajudando-os com roupas, alimentos, documentos e até dinheiro. Quando a cidade foi ocupada pelas tropas alemãs, o padre continuou com sua ajuda humanitária, mesmo sabendo dos perigos que estava o rodeando.

Pietro dava assistência a soldados da resistência e a aliados e também a judeus dando documentos falsos (conforme a rede de Pio XII) para que diminuísse o risco de cair nas mãos dos nazistas. Foi capturado pelas tropas alemãs e levado a prisão na Via Tasso, onde foi zombado e posteriormente fuzilado na Fossas Andinas junto com mais de trezentos judeus, mesmo assim foi considerado um mártir da igreja e um apóstolo da resistência, pelo Estado de Israel ganhou o reconhecimento de “*Justo entre as Nações*” aos não-judeus que salvaram vidas. O autor Gordon Thomas descreve como foi o massacre nas cavernas da Fossas Andinas:

⁶¹ MERLO, Neri. *O ouro de hitler*. São Paulo: Baraúna, 2011. p.59.

⁶² BLESSMANN, Joaquim. *O Holocausto, Pio XII e os Aliados*. Porto Alegre: Editora Edipucrs, 2003. p.70

“Levaram os prisioneiros condenados para dentro das cavernas. Entre eles estava o padre Pappagallo com seus paramentos e sandálias. Quando recebeu ordens de se ajoelhar, foi em direção à própria morte gritando ‘Pai, abençoai-nos’. (...) Kappler, que presenciou os últimos assassinatos, ordenou que os corpos fossem amontoados em pilhas de um metro de altura e que esperassem que os engenheiros da Wehrmacht selassem as cavernas com explosivos, a fim de esconder a atrocidade.”⁶³

Por último traremos Otto Maria Carpeaux nasceu em 1900, na cidade de Viena na Áustria, de Família com mãe católica e pai judeu, na capital austríaca frequentou a universidade formando-se em filosofia e química. Otto se converteu de fato ao catolicismo na década de 1930 e sempre como pensador influente considerava que a Igreja era o grande opositor do nacional-nacionalismo (principalmente do governo de Hitler), do capitalismo e da revolução, “*com o advento do nacional-socialismo na Alemanha e na Áustria (...) passou a atuar firmemente em defesa da independência de seu país em órgãos de imprensa católicos, com a revista Der Christliche Ständestaat*”⁶⁴

Com anexação austríaca pelo Terceiro Reich, Otto fugiu do regime passando pela Itália e chegando à Antuérpia na Bélgica, onde trabalhou no jornal *Gaset Van Antwerpen*. Em 1939 à pedido do Papa Pio XII e com a ajuda de religiosos da cidade de Utrecht conseguiu visto para ele e sua esposa Helena, já que as tropas alemãs estavam avançando sobre os Países Baixos, desse modo Otto conseguiu imigrar para o Brasil, na quota de israelitas católicos, sendo o número 569 dos 958 que já falamos anteriormente nesse trabalho.

No Brasil tornou-se um dos mais importantes críticos literários com obras como *A Cinza do Purgatório* (1942), *Origens e Fins* (1943), *História da Literatura Ocidental* (1950), foi considerado um mestre por muitos intelectuais brasileiros e conquistando a amizade de diversos desses homens das artes, destacando Graciliano Ramos e Carlos Drummond de Andrade. Também dirigiu as bibliotecas da Faculdade de Filosofia entre os anos de 1942 e 1944 e da Fundação Getúlio Vargas de 1944 a 1949, no Rio de Janeiro. Já no período militar foi um combatente pela liberdade de expressão e pela democracia.

⁶³ GORDON, Thomas. *Os Judeus do Papa: o plano secreto do Vaticano para salvar os judeus das mãos dos nazistas*. São Paulo: Geração Editorial, 2013. p.234-235.

⁶⁴ PARADA, Maurício (Org.). *Fascismos: Conceitos e Experiências*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.p.265.

6. Conclusão

Diante do processo desse trabalho, podemos destacar a influência da Igreja para a ajuda humanitária com os judeus, independentemente da religião e das diferenças teológicas-dogmáticas. O mais importante era seguir o mandamento de Jesus Cristo, amar o próximo como a si mesmo.

Assim tanto Pio XI quanto Pio XII tentaram atacar o autoritarismo não com palavras, mas com ações resguardando todos os que eram prejudicados com esse tipo de governo, para isso o Sumo Pontífice não conseguiria sozinho, por isso contou com uma rede bem elaborada de religiosos em todas as escalas da hierarquia eclesiástica de diversas nacionalidades e localidades; tudo realizado em prol da solidariedade cristã contra o mal do nazismo.

O Brasil aceitou o pedido para a concessão de vistos a refugiados não por questões humanitárias, mas sim por questões políticas e para não entrar em rota de colisão com a igreja perante a comunidade internacional, mas como vimos o governo brasileiro tentou retardar ou diminuir a quantidade de 3.000 vistos.

Finalizo o decorrente trabalho citando o papa João Paulo II em 1997 em um discurso promovido pela comissão teológico-histórica:

“A partir do que se disse, podemos tirar conclusões susceptíveis de orientar a atitude do cristão e do trabalho do teólogo. A Igreja condena com determinação todas as formas de genocídio, bem como as teorias racistas que as inspiraram e que pretenderam justificá-las. Poder-se-iam evocar as Encíclicas de Pio XI *Mit brennender Sorge* (1937) e de Pio XII *Summi Pontificatus* (1939); esta última recordava a lei da solidariedade humana e da caridade para com todos os homens, independentemente do povo a que pertençam. Portanto, o racismo é uma negação da identidade mais profunda do ser humano, que é uma pessoa criada à imagem e semelhança de Deus. À malícia moral de todo o genocídio acrescenta-se, juntamente com o *shoah*, a malícia de um ódio que se apropria do plano salvífico de Deus para a história. A Igreja mesma tem sido directamente atingida por este ódio.

O ensinamento de Paulo na *Carta aos Romanos* indica-nos quais são os sentimentos fraternais, arraigados na fé, que devemos ter para com os filhos de Israel (cf. *Rm* 9, 4-5). O Apóstolo salienta-o: «Por causa dos Patriarcas» são amados por

Deus, cujos dons e eleição são irrevogáveis (cf. *Rm* 11, 28-29).”⁶⁵

Este trabalho foi finalizado um ano antes da abertura dos documentos secretos do Vaticano sobre a Segunda Guerra Mundial que acontecerá no dia 2 de março de 2020 quando ocorre o 81º aniversário da eleição de Pio XII como papa. Mas a elaboração desse é para desconstruir a imagem de Pacelli como o Papa de Hitler e de que a Igreja foi omissa perante o nazismo e suas atrocidades.

⁶⁵ JOÃO PAULO II, Papa. *O Antijudaísmo promovido pela comissão teológico-histórica do grande jubileu do ano 2000*. 1997. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1997/october/documents/hf_jp-ii_spe_19971031_com-teologica.html>. Acesso em: 18 jun. 2019.

7. Referências Bibliográficas

- BLESSMANN, Joaquim. *O Holocausto, Pio XII e os Aliados*. Porto Alegre: Editora Edipucrs, 2003.
- BLET, Pierre. *Pio XII e a Segunda Guerra Mundial: Que dizem os Arquivos do Vaticano?*. Lisboa: Principia Editora, 2001.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O Anti-semitismo nas Américas: Memória e História*. São Paulo: Editora Edusp, 2007.
- GORDON, Thomas. *Os judeus do Papa: O plano secreto do Vaticano para salvar os judeus das mãos dos nazistas*. São Paulo: Geração Editorial, 2013.
- IGREJA CATÓLICA. *Actes et Documents du Saints Siège Relatifs à la Seconde Guerre Mondiale – Le Saint Siège et les victimes de la guerre – Mars 1939/Décembre 1940*. Vol. 6. In: **Actes et Documents du Saints Siège**. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/atti-ufficiali-santa-sede/index_po.htm. Acesso em 21/06/2017.
- KERTZER, David I. *O Papa e Mussolini: A conexão secreta entre Pio XI e a Ascensão do Fascismo na Europa*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2017.
- MERLO, Neri. *O ouro de hitler*. São Paulo: Baraúna, 2011.
- MILGRAM, Avraham. *Os judeus do Vaticano: A tentativa de salvação de 959 judeus, da Alemanha ao Brasil através do Vaticano entre 1939-1942*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1994.
- JOÃO PAULO II, Papa. *O Antijudaísmo promovido pela comissão teológico-histórica do grande jubileu do ano 2000*. 1997. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1997/october/documents/hf_jp-ii_spe_19971031_com-teologica.html. Acesso em: 18 jun. 2019.
- PARADA, Maurício (Org.). *Fascismos: Conceitos e Experiências*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.
- PIO XI, Papa. *Carta Encíclica “Mit Brennender Sorge”*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1937.
- PIO XII, Papa. *Carta Encíclica “Summi Pontificatus”*. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1939.
- TORNIELLI, Andrea. *Pio XII: O Papa dos Judeus*. São Paulo: Editora Civilização, 2002.

SOUZA, Luís Tarcísio. *Um estudo sobre as principais acusações e defesas sobre antissemitismo e omissão de Pio XII nos episódios da Shoah*. 2013. 187 f. Dissertação (Mestrado em Teologia Sistemática), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.